

**OS SENTIDOS DO VERBO CHEGAR:  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS FALAS  
DO PORTUGUÊS POPULAR E DO PORTUGUÊS CULTO**

*Crenilda Rocha dos Santos* (UESB)

[crenildarochasantos@yahoo.com.br](mailto:crenildarochasantos@yahoo.com.br)

*Geovany Cordeiro da Silva* (UESB)

[geocordeirosilva@hotmail.com](mailto:geocordeirosilva@hotmail.com)

*Valéria Viana Sousa* (UFPB/UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

**RESUMO**

Na presente pesquisa, temos por objetivo analisar, por meio de uma investigação sincrônica, as variações de uso do verbo chegar, o seu processo de gramaticalização, assim como analisarmos a sua frequência de uso pelos falantes do português culto e do português popular. Baseando-nos em estudos anteriores, hipotetizamos que o verbo chegar seria utilizado como auxiliar com maior ocorrência na fala dos informantes do português culto do que na fala dos informantes do português popular. Para a verificação de tal propósito, nesta pesquisa, utilizamos, para a realização da análise, entrevistas extraídas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*). Os resultados alcançados permitiram-nos concluir que o verbo chegar tem sido utilizado com maior frequência como auxiliar e na fala das pessoas que usam o português popular, não correspondendo, dessa forma, portanto, com a nossa hipótese de que seria os falantes com maior escolaridade que usariam com maior frequência o verbo chegar, como auxiliar.

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Gramaticalização. Verbo chegar.

**1. Introdução**

Fundamentados na proposta do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em seu contexto de uso e explica os fenômenos linguísticos em sua complexidade sintática, semântica e pragmática, propomo-nos, no presente trabalho, a investigar construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de gramaticalização.

O nosso objetivo principal foi o de constatar, mediante uma investigação de natureza sincrônica, a ocorrência do uso do verbo *chegar*, em processo de gramaticalização, como verbo auxiliar na fala dos pesquisados, pois, por meio de estudos anteriores, surgiu a hipótese de que haveria mais ocorrência do fenômeno na fala de informantes do português

culto do que na fala de informantes do Português Popular de Vitória da Conquista, cidade situada no sudoeste baiano.

Motivados por essa hipótese, para a realização desse estudo, utilizamos como *corpora* amostras de falas do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). Tais *corpora* estão estratificados a partir das variáveis sociais faixa etária e nível de escolaridade. Mas, nesse recorte da pesquisa, priorizamos apenas a variável escolaridade. Seleccionamos, então, as entrevistas de oito informantes, sendo quatro do *Corpus* PPVC e quatro do *Corpus* PCVC.

Nos resultados obtidos, houve a constatação, ao contrário do que hipotetizamos, de que o uso do verbo *chegar* como verbo auxiliar ocorre mais na fala das pessoas que possuem mais de 11 anos de escolaridade, os considerados falantes cultos, do que na fala dos informantes que têm abaixo de 5 anos de escolaridade, os falantes do português popular.

O presente trabalho está composto por uma discussão preliminar, ancorada em Cunha; Oliveira e Martelotta (2003) e em Votre e Naro (1989), sobre as correntes formalista e funcionalista da língua, seção 2, com o propósito de contextualizar as teorias escolhidas para a abordagem do fenômeno em estudo, a saber: a sociolinguística e o funcionalismo, que compõem a seção 3. Nessa seção, discutimos, amparados em, entre outros, em Alckmin (2001) e Sousa (2008), questões que elegemos como fundamentais para a realização do estudo. Realizado esse percurso teórico inicial, apresentamos a análise e discussão dos dados, seção 4, e, em seguida, expomos as nossas considerações até o momento na seção 5. Essas seções são introduzidas aqui e finalizadas com as referências.

## **2. Corrente formalista e funcionalista**

Nessa seção, só para situar o leitor ao assunto, lembraremos as correntes formalista e funcionalista da língua e, realizada essa abordagem, centramos a nossa atenção em relação à perspectiva a ser seguida na presente pesquisa.

Podemos, fundamentados em Cunha; Oliveira e Martelotta (2003), afirmar que, para melhor agrupar as correntes linguísticas, foram sistematizadas duas grandes correntes de pensamento linguístico.

Uma dessas correntes é o formalismo, cuja perspectiva linguística

admite a língua como um sistema estruturado de signos abstratos e autônomos. Isto é, os linguistas adeptos a essa visão compreendem que é possível explicar os fenômenos linguísticos, focalizando apenas, em seus estudos, os aspectos estruturais que compõem uma língua. Serão, assim, estudados, nessa perspectiva, os constituintes, as relações entre eles, compreendendo esses elementos como parte de um sistema de signo internamente estruturados.

A língua nesta corrente não estaria exposta e, assim, não sofreria influências do meio, portanto, desnecessário, há, aqui, um valor menor, as questões relacionadas ao contexto ou, em outras palavras, estar associada a elementos e fatos não linguísticos, pois a língua é observada como uma unidade em si, suficiente à realização de um estudo linguístico. Observamos que, a depender da pesquisa e, conseqüente, da pergunta que se faça, essa corrente conseguirá dar conta do propósito.

A outra corrente é o funcionalismo. Nessa corrente, funcionalista, por sua vez, contrariando a outra proposta do formalismo, a língua é aceita com um instrumento de interação social. Ou seja, a língua, nessa corrente, não é mais considerada como um objeto autônomo, mas, sim, como algo dependente do ambiente, no qual ocorre o seu uso, no qual as formas, de fato, são realizadas pelos falantes. Partindo dessa visão funcionalista, sabemos que o foco dos pesquisadores é o de explicar a língua como um sistema “aberto” com várias possibilidades de uso, ou seja, as diversas dinâmicas de interação social nos diferentes ambientes. Assim sendo, a estrutura linguística será estudada a partir de sua atuação em um ambiente interativo.

Só para lembrarmos, nessa corrente, inferimos que as atividades discursivas, que estão associadas aos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos, é que determinam e condicionam as opções linguísticas dos falantes. Um traço supra importante dessa corrente linguística é que as variações linguísticas são levadas em consideração e é, através da pragmática, que se dá a organização do texto ou do enunciado como afirma Votre e Naro (1989). Nas palavras desses estudiosos (1989, p. 170), “é do uso da língua – a comunicação na situação social – (que) origina-se a forma da língua” (p. 170) e completam, afirmando que “a forma é derivada do uso e a forma só pode ser explicada levando-se em conta(...) a comunicação”.

Antes de encerrarmos esse pequeno percurso, apresentamos Nascimento (1990, p. 87-88 *apud* NARO, 1989) que sabiamente argumenta

que “[para] Votre e Naro ‘os formalistas e funcionalistas de fato estudam fenômenos diferentes, mas fenômenos que envolvem o mesmo objeto’”. Assim, antes de caracterizarmos essas correntes em oposições, precisamos pensa-las como complementos.

Diante do exposto, mesmo que admitindo, o quão importante seja todos os estudos sobre a língua, nesse momento, devido a especificidade do que almejamos investigar, optamos pelo viés da corrente funcionalista, pois entendemos que esta corrente atenda melhor a descrição e análise que nos propomos a fazer sobre o verbo *chegar*.

### **3. Sociolinguística e funcionalismo**

As investigações sobre a variação e mudança na língua tiveram início há tempos atrás com H. Franz Bopp, o qual considerou a mudança sair do léxico para a gramática. Ou seja, de alguma forma, o trabalho deste teórico já se pautava nos princípios de gramaticalização. Com isto, tanto ele quanto os predecessores abriram portas para novas pesquisas ao longo do caminho, uma vez que, ainda no século XIX, o conceito de gramaticalização já era corrente nas investigações destes teóricos.

Como é do nosso conhecimento, a variação é um fato inquestionável pela simples razão de termos uma sociedade plural não poderíamos conceber a ideia de uma língua que não esboçasse a sua face heterogênea. Nesse sentido, os teóricos da sociolinguística afirmam que, em uma comunidade de falantes, podemos constatar diferenças no nível da fala quando se trata de idade, sexo, grau de escolaridade etc. Enfim, todos esses fatores contribuem decisivamente ao propósito da variação na língua. Ao especular tais “diferenças” nas falas das comunidades, surgiu então a necessidade de uma ciência que desse conta de tratar de forma analítica esses fenômenos tão evidentes na língua.

Inicialmente, estudiosos, de várias áreas se interessaram pelo estudo da língua, assim como antropólogos biólogos etc. F. Boas. (1911) ganhando assim vários seguidores como: Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorff (1941). Estes catedráticos contribuíram de forma singular para os estudos da língua principalmente ao admitir a cultura e a sociedade serem inerentes à língua. E, apropriando destes saberes vestindo-se de forma interdisciplinar, surge a sociolinguística.

Nas palavras de Alkimim (2001, p. 28),

a sociolinguística surgiu em um congresso, (...) fixou campo no momento em que William Bright organizou e publicou, em 1966 os trabalhos apresentados no referido congresso sob o título *Sociolinguistics*, em que, define e caracteriza a nova área de estudo. (ALKIMIM, 2001, p. 28)

Bright, desde então, em conjunto com os vinte e cinco pesquisadores que estavam no Congresso organizado por ele na UCLA (*University of California Los Angeles*), tomou, como objeto de estudo da sociolinguística, a diversidade linguística.

Labov, nesse novo cenário da linguística, com suas pesquisas etnográficas, a qual, segundo Alkmin (2001, p. 30), “[...] teve um grande impacto na linguística contemporânea”, contribuiu de forma produtiva, deixando um caminho para que novos estudos viessem a ser realizados.

O fato novo que coube à Sociolinguística foi o de reunir pesquisadores que tinham como foco comum versar sobre os elementos que envolviam a heterogeneidade linguística e, dessa maneira, portanto, contribuir com o desenvolvimento de estudos em uma perspectiva voltada à variação e à mudança da língua.

Norteadas por esta corrente de pensamento, foram desenvolvidas pesquisas voltadas para as massas de falantes das diversas camadas socioculturais. Os resultados obtidos contribuíram, de forma relevante, com o campo educacional uma vez que tais pesquisas trariam à tona a necessidade de se observar, entre outras questões, a presença de preconceitos linguísticos em determinados ambientes. Diante disso, frisaremos com base, mais uma vez, em Alkmin (2001) que:

o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIN, 2001, p. 31)

Assim, nas pesquisas sociolinguísticas, são observadas variedades que ocorrem não só de natureza fonético-fonológicas, morfossintáticas, mas, principalmente discursivas, realizadas por um grupo de falantes, ainda que orientados por regras gramaticais da comunidade da qual fazem parte, mesmo que tais regras não estejam prescritas pela tradição gramatical. Ainda nas palavras de Alkmin (2001), "língua e variação são inseparáveis: a sociolinguística encara a diversidade linguística (...) como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico". (ALKMIN, 2001, p. 33)

Resta frisar que, na sociolinguística, buscamos compreender a relação da língua com o seu usuário, mas não negamos a importância da natureza estrutural da língua e, uma vez que a estrutura, também, é bastante estudada, resta o acréscimo da investigação da variação pelo ponto de vista do social.

Nessa preocupação com a heterogeneidade da língua, com um estudo focado na variação e na mudança linguística e com uma preocupação com o funcionamento real da língua em uso, surge uma outra teoria linguística para dialogar com a sociolinguística, o funcionalismo.

O funcionalismo, historicamente, tem suas raízes no Círculo Linguístico de Praga que, conforme Sousa (2008, p. 72), já apresentava, ao lado do estruturalismo, uma visão diferenciada a respeito do fenômeno de mudança linguística. "Já na década de 20, ainda que [a teoria funcionalista] fosse sombreada pelo estruturalismo e por estudos voltados às questões da função da linguagem, desponta inquietações acerca da mudança no sistema linguístico". (SOUSA, 2008, p. 72)

No entanto, é no século XX, na década de 70, que esta corrente firma seus pés. Neste momento, a sua perspectiva de estudo estará voltada ao item linguístico e as múltiplas funções que o item ocupa na estrutura discursiva. Nessa teoria, ainda segundo Sousa (2008).

As estruturas linguísticas não são autônomas. Estão imbricadas às circunstâncias discursivas e entrelaçadas aos aspectos cognitivos da produção, onde se encontram envolvidas a informação pragmática do falante (crenças, valores, práticas sociais) e a informação pragmática do destinatário (práticas sociais). (SOUSA, 2008, p. 74)

O funcionalismo traz, nesta nova fase, o conceito da gramaticalização, termo mencionado por estudos anteriores, mas não tão desenvolvido. Tal processo, para Meillet (1965, p. 131), pode ser considerado como um processo no qual há uma "atribuição de um caráter gramatical a um termo ou palavra anteriormente autônomo". Para Ferreira, *apud* Heine e Reh (1984), a "gramaticalização é uma evolução na qual as unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética". Em Hopper e Traugott (1993), temos, como definição do processo que a gramaticalização funciona como um estágio pelo qual itens *e/* ou construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções, cada vez mais gramaticais, em um processo cíclico, contínuo.

É interessante ressaltar que existe um senso comum entre a conceitualização da gramaticalização que constitui no desenvolvimento do léxico para a gramática e da gramática para as estruturas mais gramaticais ainda. A explicação para que tal fenômeno ocorra estaria na necessidade que o falante tem em utilizar estratégias, cada vez mais adequadas, para obter sucesso na comunicação, ou seja, há uma busca constante de formas linguísticas que possam moldar o discurso de forma que a expressividade seja mais adequada.

Em outras palavras, podemos, também, falar que tentamos sair do abstrato para concretizarmos o discurso e, com essa finalidade, expressões linguísticas menos gramaticais vão ganhando forma e vão, assim, servindo de maior expressividade discursiva.

Gramaticalização seria, portanto, o processo pelo qual as expressões surgem no discurso e, como em um processo cíclico, adentram-se ao contexto e passam a ser disponibilizados na gramática. A importância do estudo da gramaticalização estaria, então, em fornecer explicação de por que formas gramaticais surgirem e se desenvolverem. Ressaltamos que, nesse processo, não há uma violação das regras do sistema linguístico, mas, uma vez empregado um item, ainda que já existente e utilizado com uma nova carga semântica, faz-se necessário o seu reconhecimento como uma possível categoria gramatical. Diante disso Castilho (1997) coloca que:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. (CASTILHO, 1997, p. 31)

Para esclarecer melhor esse processo de gramaticalização, Sousa (2008, p. 86-87) faz uma abordagem sobre os princípios de gramaticalização, tomando como referência Hopper, 1991. Para Hopper, apud Sousa (2008, p. 86) há “cinco princípios básicos que desvelam a gramaticalização de um item relacionando aspectos sincrônicos e diacrônicos”. Tomaremos esses princípios como alicerce à nossa pesquisa. São eles: a estratificação, a divergência, a especialização, a persistência e a descategorização.

A estratificação, para Sousa (2008) compreende

[...] o momento no qual, dentro de um domínio funcional amplo, novos estratos estão continuamente emergindo. Ao emergir um novo estrato, os antigos não são necessariamente descartados, podendo, pois, permanecer e

coexistir com os mais recentes em uma mesma sincronia. (SOUSA, 2008, p. 87)

Na perspectiva funcional, existe a possibilidade de um signo mudar de categoria gramatical sem abalar o significado do existente. Como exemplo, analisaremos três possibilidades de uso do verbo *chegar* com diferença categórica.

(01) Eu **cheguei** de viagem hoje.

(02) Ela **chegou chegando** todos viraram pra olhar.

(03) Também pudera estava usando aquele batom vermelho **cheguei**.

No princípio da estratificação, é possível se perceber a presença de soluções gramaticais distintas em um mesmo corte sincrônico. Nos exemplos supramencionados, o verbo *chegar* aparece em (01), funcionando como verbo pleno, com o sentido de “atingir” o termo do movimento de ida ou vinda” (FERREIRA, 2009, p. 454). No excerto de fala (02), o verbo é desdobrado em uma expressão na qual ele ocupa a função de pleno e de auxiliar. Como pleno, veicula o sentido do exemplo (01) e, como auxiliar, corresponde a ocupar lugar, aparecer. No exemplo (03), o item *chegar* desloca-se da função de verbo e passa a ocupar a categoria de nome, como parte de um sintagma adjetival.

No princípio da divergência, a forma lexical se gramaticaliza. Contudo, a forma fonte original pode permanecer como um elemento autônomo e, enquanto tal, sofrer as mesmas mudanças a que estão submetidos os itens lexicais que integram sua classe. Assim, acontece com o *chegar*, que, aparece, na língua, inicialmente, como verbo e tem esse valor preservado e, também, como nome, adjetivando outros elementos. Assim, como ocorre nos exemplos (01) e (02), respectivamente.

O princípio da especialização, nas palavras de Sousa (2008), é quando ocorre o

estreitamento das possibilidades para se codificar uma determinada categoria (redução de variantes) à medida que uma destas opções começa a ocupar mais espaço pela sua condição de mais gramaticalizada. Uma consequência, indício, portanto, desta especialização, é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização e assim, há a tendência de uma forma tornar-se mais obrigatória, já que a escolha e uso da outra forma diminuem. (SOUSA, 2008, p. 87)

Para esse princípio temos o exemplo do uso do verbo *chegar*, em que o mesmo principalmente na fala, perde lugar de verbo pleno e começa a assumir o lugar de verbo auxiliar, como em: o paciente *chegou* a ser

atendido pelos médicos, mas não resistiu. É válido observar que construções como essa, na contemporaneidade, vem se tornando recorrente.

Essa construção perifrástica, em que o verbo *chegar* é utilizado perdendo o valor de núcleo verbal tem sido bastante utilizada. É comum, por exemplo, ouvirmos na língua em uso [ chegar a +V] como sinônimo de “ir a ponto de “ (FERREIRA, 2009, p. 454). Para nós, tal construção estaria, em nossa região, como a forma mais gramaticalizada do uso desse verbo.

O princípio da persistência, por sua vez, que diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma fonte, por parte da forma em processo de gramaticalização. Assim, ainda que a forma fonte se gramatice em novas funções, a “nova” forma continua a preservar traços de sentidos da forma primeira. Nos exemplos citados, o valor de “atingir certo lugar” está presente em todos, ainda que de uma maneira mais desbotada semanticamente.

E, por fim, a descategorização, princípio que remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Dessa forma, os itens linguísticos deslocam-se das categorias gramaticais a que pertencem e passam a pertencer a outras. Nos excertos das entrevistas utilizadas, observamos o *chegar* sendo usado em um esquema que vai de verbo pleno > verbo auxiliar > sintagma adjetival.

#### **4. Análise de dados**

Neste momento, com o propósito de analisarmos a ocorrência do uso de CHEGAR + V, selecionamos o referido item no *Corpus* do Português Culto e no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista. Nesses *corpora*, identificamos excertos de fala que continham o item *chegar* em ambos os falantes. Observamos, nesse momento com qual frequência ele vem sendo usado como auxiliar.

Para analisarmos o objeto em discussão, tomamos como suporte de definição teórica do item, o uso de três dicionários diferentes. No *Dicionário de Língua Portuguesa*, Caldas Aulete traz uma definição bastante limitada do verbo e, no *Dicionário da Língua Portuguesa de Michaelis*, há uma visão diferente do verbo *chegar*, mais ampla, mas ainda não satisfatória se pensarmos nas possibilidades do uso desse verbo na língua.

No *Dicionário Priberam*, diferentemente dos citados anteriormente, existe uma definição mais complexa para esse verbo. Ou seja, no dicionário, o verbo *chegar* está abordado como verbo como polissêmico. Com isso, ele atende as diversas possibilidades de uso que o falante/escritor venha a fazer desse verbo. Logo, nesse dicionário, inferimos que a definição do verbo deve ser encontrada em seu contexto de uso. Isso se confirma no momento em que esse verbo é classificado, como veremos a seguir a partir da topicalização proposta para uma melhor visualização do que afirmamos.

De acordo o dicionário de Caldas Aulete, o verbo *chegar* significa:

- Acepção 1: Chegar: reprimenda, repreensão. Indica que se atraiu um limite de quantidade.
- Acepção 2: Chegar: não precisa mais não é possível mais.

Já no *Dicionário da Língua Portuguesa de Michaelis*, há uma visão diferente do verbo *chegar*. Segundo Michaelis:

- Acepção 1: Fomenta censura, crítica, reprimenda.
- Acepção 2: Dirant intimação judicial por causa de dívidas.
- Acepção 3: Interjeição. Basta!

*Priberam* tem uma definição mais complexa para esse verbo:

- Chega: s. f. interj., 3ª pes. Sing. Presente indicativo de chegar. 2ª pes. Sing. imp. de chegar.
- Acepção 1: Chega: informal, repreensão, censura descompostura,  
ex. chega! Você já chega com seu escândalo.
- Acepção 2: Combates de bois.
- Acepção 3: Citação para juízes

No primeiro momento, no *Dicionário de Priberam*, são apresentados os mesmos conceitos que os demais dicionários. Contudo, depois das definições iniciais, as explicações se estendem e, nesse sentido, há um esforço para dá conta de explicar a semântica do verbo, ou seja, as várias possibilidades de uso do verbo chegar no contexto ao qual se encontrar inserido.

Além desses exemplos, citado, no dicionário, está classificado o

verbo *chegar* como verbo intransitivo de origem duvidosa. Com essa definição, podemos atribuir os possíveis valores de uso:

- (1) Chegar como o verbo *vir*. Ex.: *Quando ele chega. = quando ele vem.*
- (2) Chegar como dar entrada em. Ex.: *Vamos chegar comadre. = vamos entrar comadre.*
- (3) Chegar como atingir, alcançar. Ex.: *O livro tá longe minha mão não chega até lá.*
- (4) Chegar como durar até. Ex.: *Se você continuar sem comer não vai chegar até o ano que vem.*
- (5) Chegar como ir. Ex.: *Vou dá uma chegadinha. = já estou indo embora.*
- (6) Chegar como prolongar-se. Ex.: *vamos chegar á frente. Vamos entrar, fique um pouco mais.*
- (7) Chegar como ir ter. Ex.: *pode deixar que eu vou chegar até ele. Vou ter uma conversa com ele.*
- (8) Chegar como possibilidade de ir. Ex.: *Vou a Salvador talvez eu chego até Aracaju*
- (9) Chegar como tocar. Ex.: *Minha mão não chega até lá= minha mão não toca.*
- (10) Chegar como aproximar-se. Ex.: *Chega aí amigo vamos papear.*
- (11) Chegar como ascender. Ex.: *Se continuares assim não vai chegar ao cargo de gerente.*
- (12) Chegar como bastar. Ex.: *Chega de barulho por hoje!*
- (13) Chegar como ir até o ponto de. Ex.: *Talvez eu chego até o fim.*
- (14) Chegar como subir até. Ex.: *se não chover eu chego ao topo da montanha.*
- (15) Chegar como conseguir ser bastante alto. Ex.: *Eu não chego a ser da sua altura.*
- (16) Chegar como atingir alguma coisa estendendo o braço ou ficando nas pontas dos pés.
- (17) Chegar com valor semântico dos sentidos: visão audição etc. Ex.: *Chegar a. Com a vista, com a voz o ouvido =atingir. O som não chega aí. A imagem não chegou até mim. Sua voz é baixa não chega até lá. O cheiro não chega até mim.*
- (18) Chegar como obter o que é difícil conseguir. Ex.: *Com fé e insistência você chega lá.*
- (19) Chegar com o sentido de regresso. Ex.: *Foram ao hospital e ainda não chegaram (regressaram)*
- (20) Chegar com o sentido de acontecer, ocorrer, dar-se. Ex.: *A fama e o sucesso chegaram tarde.*

Ainda, como Verbo copulativo aparecer, surgir, como em: A caixa chegou aberta= veio. Ou como verbo pronominal, sendo usado para expressar necessidade fisiológica. Ex.: Estava andando quando chegou-me de vez a vontade.

Ou com valores curiosos como,

*Acabar. Graças! Cheguei no fim do livro.*

*Acessível. Por aqui eu chego à rio Bahia.*

*Próximo. Ela é minha chegada.*

*Ação. Não gosto quando você chega gritando comigo.*

*Como adjetivo: Ela tá usando um vestido vermelho cheguei.*

*Ou como advérbio de modo: Ela chegou chegando.*

Além de todos esses exemplos dados, percebemos que o verbo *chegar* vem sendo usado com outro verbo no infinitivo perdendo assim o seu lugar de verbo pleno (descategorização) e assumindo a categoria de verbo auxiliar.

*Ex.: Isso chega a ser patético.*

Diante do que foi apresentado, a partir da pesquisa realizada nos dicionários podemos admitir que o verbo *chegar* tem como sentido prototípico na língua portuguesa o valor de “verbo de movimento físico de sair de um ponto X e atingir um ponto Y.” Embora o verbo venha sendo usado com outros valores semânticos, ele continua a ser usado como verbo pleno. Ainda que esse tenha sido o sentido apresentado nos compêndios analisados, não obstante a esse uso continuar na língua, temos, ainda, o sentido do verbo *chegar* ocupando várias outras funções e valores conforme expostos e o interessante é que, mesmo com outro sentido, há um valor que permanece, ou seja, o verbo, mesmo ampliando-se semanticamente, sempre traz o valor de representar um alvo a ser atingido.

A seguir, veremos as ocorrências do verbo chegar nos *corpora*.

Inicialmente, apreciemos as ocorrências presentes nas 4 entrevistas do *Corpus PPVC*:

- (a) Mas ela *chegou* a se tratar e tudo?
- (b) E você *chegô* a estudá e a trabalhá ao mesmo tempo?
- (c) Você *chegô* a casá na igreja?
- (d) A senhora *chegô* a decorá a tabuada?

No exemplo (a), (b) e (c), o verbo *chegar* apresenta característica de auxiliar, sendo usado em uma construção bastante recorrente na Língua Portuguesa, [*chegou a + verbo principal*] com o valor de atingir/alcançar uma meta.

(e) *Chegô, tatô... tatô*, mas só que ela *quandfoi* cuidar *játavamuitvéi*.

No exemplo (e), o verbo *chegar* está na condição de pleno e com o sentido de obter, ou fazer, ela obteve tratamento, embora, o resultado não tenha sido satisfatório. Percebemos que tinha um alvo a ser atingido ela alcançou o objetivo de ser atendida pelo médico.

(f) *risos*{ININT} não o momento que mais marcô foi *risos* que a gente... a gente *chegô* de madrugada... morrendo de fome [quatro horas]{*risos*} quatro horas da

(g) *Aí chegô* lá ele: Maria Maria.

(h) tem três anos que eu *cheguei pra'qui*...quando eu casei eu morava aqui, eu morei aqui pôco tempo, depois a gente foi pra

Nesses casos, (f), (g) e (h), o verbo *chegar*, na condição de pleno, tem função de regresso, quando retornamos para casa.

(i) *Aí quando foi um dia ela chegô pra mim e falou assim*: “Oh Solange, não dá pra mim ficá com ele,

Também, na condição de pleno, o verbo toma lugar de ter, ou aproximar como se a informante dissesse “ela teve comigo, ou aproximou de mim e falou determinada coisa”

(j) não faço mais na::da na vida não quero fazer mais não que eu não gento não guento fazer mais nada e é só até ai chego não quero mais

O verbo, aqui, tem um sentido de interjeição: “basta!”

(k) Eu assisto... *num* sô muito chegada a novela não, sabe?

Nesse último exemplo, o verbo está bastante distanciado do seu sentido original, o que, no funcionalismo/gramaticalização, é entendido com desbotamento semântico. Possivelmente, entre os usos analisados em nossa amostra, esse termo “Chegada”, também, esteja entre o nível mais de maior abstratização.

Agora, analisemos as ocorrências presentes nas 4 entrevistas do Corpus PCVC

Aqui o verbo tem sentido de aproximar de algo ou de alguém.

- (l) (...)aí sim (...)mas se eu não conheço a pessoa aí eu não consigo chegar até a pessoas pra conhecer. Se a pessoa se chegar a mim é mais fácil de fazer uma amizade (...).

A primeira ocorrência ameaçou formular um auxiliar, mas logo foi corrigida, a segunda como verbo pleno e sentido de aproximar.

- (m) Não desde pequeno eu sempre fui muito tímida. Eu nunca fui uma pessoa de chegar a... de fazer amizade fácil (...) normalmente as pessoas as vezes é... é... é... extrovertida, ela consegue chegar até mim

Verbo chegar compondo uma expressão como “ consegue chegar” com sentido de investigar, encontrar, buscar.

- (n) E como um historiador consegue chegar a um determinado fato assim e dizer que aquilo tem alguém?

As ocorrências do verbo *chegar* estão sendo usadas como verbo pleno e operam com sentido de ingressar, entrar. (...)

- (o) Eu li logo que cheguei na universidade me marcou muito (...) O verbo é pleno, porém opera com sentido de egresso ou início. E ingressei, iniciei
- (p) (...) e acho que pra todas as pessoas que conseguem chegar na universidade depois dos 30 (...) e não pulei pra fora do barco porque achei desaforo chagar e desisti (...) [...] Então se eu chegasse na universidade 15 anos eu primeiro: não está resolvida (...)

Nesta fala todas as ocorrências o verbo pleno tem sentido de locomoção, sair de um ponto X e voltar, atingir outro ponto. Ou seja, retornar.

- (q) (...) Eu tinha o tempo cronometrado para sair da escola e chegar em casa (...) eu tinha que chegar em casa às 11 horas da noite (...) 1} voltar@: (...) Era o tempo que eu tinha prá chegá na escola (...) porque eu não tinha chegado ainda.

## 5. Conclusão

No presente trabalho, ainda em fase de preliminar, procuramos investigar as diferentes possibilidades de uso do verbo *chegar*, assim como o seu efeito semântico no momento em que os falantes, em busca de uma maior expressividade comunicativa, vêm fazendo uso dele.

Como foi dito anteriormente o objetivo principal foi o de fazer uma análise comparativa entre os falantes do CPPVC e do CPCVC, para investigar por quais dos falantes o verbo *chegar* vem sendo utilizado com maior frequência como auxiliar. Devido a poucos dados por nós utilizados, privamos em não fazer afirmações tão precisas a respeito da questão.

A conclusão relativa a análise dos dados foi que o verbo *chegar* não foi tão utilizado com ampliação de sentido na fala dos informantes do português culto. Já na fala dos informantes do português popular, utilização do item *chegar* +V foi muito produtiva. Esta análise, ainda incipiente, nos sinaliza que há uma tendência do verbo *chegar* a atuar como verbo auxiliar assim como uma forte tendência de adquirir novos valores semânticos, sem perder sua origem, isto é a ideia de vir, de deslocar de um ponto X e atingir um ponto Y que é o sentido prototípico desse verbo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador: UFBA, p. 25-64, 1997.
- CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1965
- PENA-FERREIRA, E. (Orgs.). *O processo de gramaticalização: um estudo do item chegar*. Santarém, <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/post/06.pdf>>
- SOUSA, Valéria Viana. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. 2008. 184 f. Tese (doutorado em letras). UFPB, João Pessoa.
- TERSARIOL, Alpheu. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Edelbra, 1996.
- VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.